

O CORPO TETRADIMENSIONAL — Uma Proposta Paradigmática

José Mauricio Mangueira Viana *

INTRODUÇÃO

O escrito que agora se faz é decorrente de um trabalho de pesquisa que venho desenvolvendo e que tem por objetivo a construção de um PARADIGMA para pensar o CORPO DO HOMEM MODERNO, sua complexidade, as forças que o atravessam, e os comportamentos produzidos. Trata-se de uma pesquisa em andamento, mas tal fato não elimina a vontade de verdade das nossas idéias: apenas diminui sua intensidade.

Definimos Paradigma como "um princípio de distinções/ligações/oposições fundamentais entre algumas noções mestras que comandam e controlam o pensamento, isto é, a constituição das teorias e produções de discursos" (1). Muitos paradigmas foram construídos para entender este ser HOMEM. Não terá chegado a hora de abandonarmos este empreendimento sempre fracassado (podemos mesmo afirmar que é esse o pensamento de muitos pesquisadores das chamadas ciências humanas)? De vez em quando a vontade de entendimento, como diz Nietzsche, caminha por si, e somos impotentes diante dela. Assim, a nossa proposta. É bem verdade que, na história de conhecimento do homem algumas coisas restaram, mesmo que em formas de questões, questões essas que parecem perdurar como um solo sobre o qual se inscreve essa mesma história: o CORPO HUMANO.

Antes de determinarmos qual a força principal na determinação da natureza do homem, como faz Edward Wilson no seu livro ON HUMAN NATURE, quando diz: "a biologia é a chave da natureza humana" (2), faz-se necessário evidenciarmos quais forças compõem o corpo do homem. Só após essa delimitação, da qual, sem dúvida, a biologia faz parte, é que poderemos partir para uma análise minuciosa das valências dessas forças. Assim, o estudo que ora se apresenta se inscreve nessa

linha de análise, sem esquecer que tudo será dito a título de teses. Teses que as pesquisas dirão da sua pertinência ou não.

O esquema proposto pretende ser o mais empírico possível, isto é, ao invés de postularmos conceitos abstratos do homem, o analisaremos a partir do mais próximo, do próprio corpo.

A seguir passaremos a enumerar e descrever resumidamente nossas principais teses.

TESES

1. Todo HOMEM tem um CORPO INDIVIDUAL, CORPO INDIVIDUALIZÁVEL, UM.

2. Todo CORPO DO HOMEM tem, no mínimo, quatro (4) DIMENSÕES, **simultaneamente**.

3. As quatro DIMENSÕES são: DIMENSÃO BIOLÓGICA; DIMENSÃO SIMBÓLICA; DIMENSÃO PODER; DIMENSÃO SUBJETIVA.

4. A DIMENSÃO BIOLÓGICA nos revela que o CORPO DO HOMEM É UM CORPO VIVO, encontra-se no mundo dos vivos. A VIDA se caracteriza por ser matéria em movimento: REPRODUÇÃO. Vida é memória genética: "Num ser vivo, tudo é disposto com vistas à reprodução. Uma bactéria, uma ameba, que destino podem sonhar senão formar duas amebas, duas bactérias? Não existem seres vivos, hoje, sobre a face da terra senão na medida em que outros seres se têm vindo a reproduzir com obstinação há pelo menos dois bilhões de anos" (3). Do ponto de vista da DIMENSÃO BIOLÓGICA, o HOMEM se encontra na mesma linha explicativa dos demais animais: a genética.

5. A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO CORPO DO HOMEM diz respeito ao universo dos símbolos: CORPO LINGÜÍSTICO. É a sua submissão ao código lingüístico e suas produções: as diversas formas de conhecimento: mitos, artes, ciência, filosofia etc.

* Professor do Departamento de Psicologia da U.F.S.

(1) MORIN, E. — PARA SAIR DO SÉCULO XX: RJ, Nova Fronteira, 1988.

(2) WILSON, E. O. — L'HUMAINE NATURE. Paris, Ed. Etocq, 1979.

(3) JACOB, F. — A Lógica da Vida. Publ. Dom Quixote, Lisboa.

6. A DIMENSÃO PODER DO HOMEM diz respeito às relações de poder, de DOMINAÇÃO E PERMANÊNCIA DE DOMINAÇÃO de um corpo de poder, de DOMINAÇÃO E PERMANÊNCIA DE DOMINAÇÃO de um corpo sobre outro, o que implica CONFLITO. A DIMENSÃO PODER é a exploração e tudo o que se inventa para manter a exploração, e tudo o que se inventa para manter a exploração/dominação. É a dimensão da revolta, da luta, do sangue, da insatisfação. É a dimensão do assassinato. A DIMENSÃO PODER DO HOMEM é o que nele o torna dominante ou dominado. O CONFLITO no homem pertence a sua dimensão PODER.

7. A DIMENSÃO SUBJETIVA DO CORPO DO HOMEM diz respeito a sua singularidade. A SINGULARIDADE é composta de IDÉIAS E AFETOS. Idéias e afetos que podem ser de duas qualidades: repetitivas e criativas.

8. Tanto a Dimensão Biológica, como a Dimensão Simbólica e o Poder, agem e produzem a favor das idéias e afetos repetitivos. Sua função é memorial: memória genética, memória cultural (tradição) e memória institucional/burocrática.

9. As transformações na Dimensão Biológica se realizam através de MUTAÇÕES GENÉTICAS (4). Já as transformações nas Dimensões Simbólicas e Poder são realizadas pelas mutações SUBJETIVAS: CRIAÇÃO de novas idéias, criação de novos afetos (5).

10. A CRIAÇÃO é um efeito específico da DIMENSÃO SUBJETIVA. O FUTURO depende da nossa dimensão subjetiva.

11. O PENSAMENTO, o universo das idéias, é a qualidade mais importante do CORPO DO HOMEM, quando se fala de criação. Pensar é CRIAR, criar é PENSAR.

12. O CORPO DO HOMEM se encontra em constantes transformações.

A DIMENSÃO BIOLÓGICA

Esta dimensão faz com que o corpo do homem reproduza a espécie humana. A vida se caracteriza por ser matéria em movimento. Vida é movimentar-se, é geração. Vida é memória genética: num ser vivo, tudo é disposto com vistas à reprodução. Uma bactéria, uma ameba, que destino pode sonhar senão formar duas bactérias, duas amebas? Não existem seres vivos hoje sobre a face da terra senão na medida em que outros seres se têm vindo a reproduzir com obstinação há pelo menos 2 bilhões de anos (6).

Do ponto de vista da Biologia o homem encontra-se na mesma linha explicativa dos demais animais: a genética. Só que o homem, como todos sabem, para se reproduzir biologicamente, necessita da relação sexual, já que sua reprodução é sexuada. Esse fato é realmente muito importante na constituição do CORPO DO HOMEM. A reprodução sexuada é um tipo de reprodução que requer um certo tipo de relação entre dois corpos da mesma espécie, de sexo diferente. Para que haja perpetuação da espécie, os dois corpos devem estar programados com um mínimo de erro para atraírem-se com essa finalidade. Não duvidamos que a fonte da energia sexual seja biológica. Como nos disse Freud, a fonte da pulsão é somática: "Por fonte (Quelle) de um instinto entendemos o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto. Não sabemos se esse processo é invariavelmente de natureza química ou se pode também corresponder à liberação de outras forças, por exemplo, de forças mecânicas. O estudo das fontes dos instintos está fora do âmbito da psicologia. Embora os instintos sejam inteiramente determinados por sua origem numa fonte somática, na vida mental nós os conhecemos

(4) ANDRÉ LWOFF — El Orden Biológico, ed. Siglo XXI, pág. 18. México, 1967. Diz ele: "Se admite que la causa esencial de la variación volutiva ha sido la mutación de genes, que es un cambio hereditario súbito. Las mutaciones siguen produciendo-se en nuestros días. Supongo que resulta muy obvio que si todos los individuos pertenecientes a una especie fueran e segulieran siendo idénticos no existiría tal cosa como la genética. Así, es de lo más afortunado el hecho de que existan mutaciones. Si no hubiera mutaciones sería difícil comprender la herencia. Los principios de la genética se basan en lo estudio de las diferencias, de las diferencias transmisibles". pág. 18.

K. POPPER — A Racionalidade das Revoluções Científicas, in Lógica das Ciências Sociais, Tempo Brasileiro, EUB, Rio de Janeiro, 1978. No caso K. Popper afirma que nos três níveis, vale dizer: Biológico, comportamental e científico, surgem novas estruturas e novas instruções por mudanças processuais de dentro da ESTRUTURA, por processo, à seleção natural ou à eliminação do erro (grifo dele). Ele não chega a analisar de onde vem a força transformadora. Ele está interessado no processo de assimilação que a tradição incorpora as novidades. Neste sentido estamos em acordo com ele.

(5) "Originariamente um ritual pode ter sido criação espontânea de um indivíduo marcado por uma experiência subjetiva, exclusiva e autônoma, como um profeta ou um artista". Cohen, o homem bidimensional, pág. 16.

(6) F. Jacob — A Lógica da Vida, pp. 15-16. Public. D. Quixote, Lisboa.

apenas por suas finalidades. O conhecimento exato das fontes de um instinto não é invariavelmente necessário para fins de investigação psicológica" (7).

Além de possuir a memória genética, a DIMENSÃO BIOLÓGICA constitui a memória nervosa. Se a vida é a própria memória genética, a memória nervosa se caracteriza por presentificar as DIMENSÕES cultural, social e subjetiva (ontogênese), pela aquisição de comportamentos individualmente variáveis.

A Divisão Biológica se caracteriza também por estabelecer vínculos dos organismos com o FORA. O primeiro FORA é o fora-nutrientes. O organismo, para permanecer vivo, necessita de coisas que se encontram fora dele (a vida é constantemente realimentada).

No caso específico de organismo de REPRODUÇÃO SEXUADA passa a existir um segundo FORA: o outro-sexo. Surge aqui um importante fato que precisa ser melhor explicitado: é a formação da imagem, no organismo, do parceiro sexual, do outro sexo da mesma espécie (8). Como bem sublinhou G. Bataille "a reprodução coloca em jogo seres descontínuos. Os seres que se reproduzem são distintos uns dos outros, e os seres reproduzidos são distintos entre si como são distintos daqueles que os geraram. Cada ser é distinto de todos os outros". Esta análise podemos dizer que é válida para todos os seres de reprodução sexuada. A força biológica se caracteriza por ser a força que liga os seres vivos de uma mesma espécie. A força que faz com que os animais não se percam na individualidade, Ela os liga através da força sexual de reprodução. A força sexual faz com que os organismos procurem corretamente seus parceiros sexuais para que a espécie não desapareça. No entanto a reprodução sexuada coloca um primeiro problema aos seres vivos: se eles são corpos descontínuos, cuja reprodução precisa do encontro de dois, macho/fêmea, faz-se necessário cada um possuir a imagem do outro. Esta imagem significa algo que o outro exibe que o atrai. A reprodução dessa imagem como ela se dá?

São as doenças que dão ao corpo do homem a percepção clara da existência da DIMENSÃO BIOLÓGICA. A MORTE é limitada da dimensão biológica, mas ela, não pertence a esta Dimensão. Ela pertence à DIMENSÃO SIMBÓLICA, PODER e SUBJETIVA. A morte e os mortos é algo que se faz, que se sente, que se pensa, e sempre que pensamos sobre os mortos, eles aparecem vivos. A Consciência pode o cogitatum e por isso

sempre presentificamos, vivificamos o desaparecido.

A morte enquanto limite da vida é um fato importante e que será utilizado de maneira específica pelas demais dimensões. Biologicamente falando, a morte é um fenômeno natural.

A DIMENSÃO BIOLÓGICA do corpo do homem se desenvolve no tempo: existe sempre um processo que se desenrola (maturação). Este fato é importante na medida em que o CORPO DO HOMEM nasce, cresce e morre. Cada corpo humano é a presentificação da Memória Genética. A vida é sempre atualização do passado. O presente é apenas um momento para o passado surgir. Tudo é repetição do mesmo. Nesse sentido, esta dimensão é o oposto da Dimensão Subjetiva Criadora, onde cada presente é a instauração da Diferença.

Esta Dimensão instaura um tipo de força de ligação do homem com as coisas e com o próprio homem: força biológica.

A Dimensão Biológica repercute nas demais dimensões. O nascimento, as doenças e a morte são os principais fenômenos que impressionam a DIMENSÃO SIMBÓLICA, impressionam e a constituem ritos de nascimento, de cuidados e curas e os ritos funerários.

Para a Dimensão Poder o fato mais importante da Dimensão Biológica é o Corpo do Homem possuir forças. Força essa que pode ser submetida e explorada. E como limite de submissão, a morte, isto é, ser morto, assassinado, torturado.

Já a repercussão da Dimensão Biológica na Dimensão Subjetiva se manifesta pelas diferentes formas de Deficiências Orgânicas, neurofisiológicas.

A DIMENSÃO SIMBÓLICA

A DIMENSÃO SIMBÓLICA diz respeito à linguagem e suas produções: mitos, crenças, conhecimentos, sonhos, filosofia, arte. Esta dimensão coloca o corpo do homem em relação a um sistema misto concreto/abstrato. A linguagem, como todos nós sabemos, é um sistema de signos formados pela união do sentido e da imagem acústica. A característica principal desta DIMENSÃO é que todo fenômeno humano tomado isoladamente não possui qualquer ligação interna com o significado que se lhe atribui; não remete para uma significação senão por estar integrado num sistema significativo caracterizado por oposições diferenciais. No entanto, o fato mais importante para a formação do

(7) S. Freud — Instinto e suas vicissitudes, em vol. XIV, pág. 143. Rio de Janeiro, Imago, Obras Completas.

(8) Os trabalhos de K. Lorenz e N. Tinbergen — A Nação de Imprinting — nos trazem algumas luzes.

CORPO DO HOMEM é a face abstrata do sistema simbólico. É ela que produz o fascínio pelo conhecimento e instaura a vontade de explicação e de certeza os conhecimentos: "A mitologia tem como finalidade assegurar, com alto grau de certeza — a certeza completa é obviamente impossível — que o futuro permaneça fiel ao presente e ao passado"⁽⁹⁾.

Esta Dimensão instaura o princípio da Identidade do homem independente da forma cultural concreta que ele possa ter vindo a assumir, ou seja, instaura a ordem de fenômenos SUPERORGÂNICOS.

A Dimensão Simbólica do Homem Moderno ocidental é dominada pela Mitologia Católica e científica. Essa Mitologia é importante na medida em que produziu vínculos estreitos com a Dimensão Poder, da dominação. Assassinou-se muito, sabemos disso. A Mitologia Católica é um produto do corpo do homem já dominado pela Dimensão Poder, dominado pela miséria, pela fome, pela dominação de homens sobre homens. E ela por sua vez mantém-se com as regras da Dimensão Poder, instituindo-se em forma de poder coercitivo.

A Dimensão Simbólica faz surgir um primeiro tipo de subjetividade, a subjetividade mítica, crente, poética. Cada mitologia produz uma certa subjetividade, isto é, um certo universo de idéias e afetos, diante do mundo. No caso específico da nossa mitologia católica, como ela é uma mitologia que nasce do sofrimento, da injustiça, da dor, ela justifica tais fatos pelo Pecado, produzindo assim uma subjetividade pecaminosa: corpo pecador. A vida é por princípio errada e a verdadeira vida começa após a morte. A Mitologia Católica é o efeito, na Dimensão simbólica do Corpo do Homem, do Poder Coercitivo. Ela justifica o homem miserável; justifica os efeitos do poder coercitivo.

A Arte e a Filosofia são as duas produções simbólicas a arte mais antiga que a filosofia — que melhor presentificam a Subjetividade Criadora do Corpo do Homem.

Os vínculos inter-humanos da Dimensão Simbólica são estabelecidos pelas Mitologias, pelos sistemas de crenças, pelos códigos lingüísticos.

Nesta Dimensão, a morte aparece como Sacrifício. Assim como o significado existe mas é imaterial, a morte também pode ter sua realidade. Pois a morte assim como o signo tem uma face material e outra imaterial. A morte e seu fascínio é já um produto da dimensão simbólica do homem. A morte biológica é de outra natureza: faz parte do sistema nutritivo dos seres vivos.

Esta Dimensão é um efeito, produto da coletividade.

Esta Dimensão é o que permite ao homem apreender a realidade como sentido (E. Cassier).

A DIMENSÃO PODER

É a Dimensão da DOMINAÇÃO, do conflito, do corpo do homem. É a Dimensão do exercício do poder. É a Dimensão do certo e do errado, do controle comportamental.

A Dimensão Poder é o domínio do homem pelo homem através da força. A Política é o estudo dessas estratégias de dominação. A Dimensão Poder é a exploração e tudo que se cria para mantê-la. É a Instituição. A Dimensão Poder implica revolta, a guerra, o assassinato, o extermínio. É a dimensão propriamente dialética.

A Dimensão Poder do Corpo do Homem diz respeito ao nascimento da Escrita, do Estado e da História. Nos povos sem escrita, sem história e sem Estado, as relações de poder, de dominação de homens sobre homens "inexistem, ou seja, o chefe não dispõe de nenhuma autoridade, de nenhum poder de coerção, de nenhum meio de dar uma ordem. o chefe não é um comando, as pessoas da tribo não têm nenhum dever de obediência. O chefe está a serviço da sociedade, é a sociedade, em si mesma, verdadeiro lugar de poder — que exerce, como tal, sua autoridade sobre o chefe"⁽¹⁰⁾. Nesse sentido podemos afirmar que, nessas culturas, o que denominamos Dimensão Poder se encontra minimizado, falta a exploração de uma classe sobre outra, falta o poder coercitivo.

A força que liga os homens na sua Dimensão Poder, é a força dos sistemas de regras coercitivas. Os corpos dos homens se aproximam pela força da obrigação. Essa ligação não supõe identidade. Ao contrário, pressupõe a discórdia.

K. Marx e F. Engels revelaram, a partir de uma análise do modo de produção capitalista, toda rede de dominação/exploração do homem moderno. M. Foucault, através de uma análise do poder, evidenciou outras redes de dominação, outros mecanismos de poder da nossa Dimensão Poder.

A Dimensão Poder é o conteúdo semântico, é a organização significativa do corpo do homem: hábitos, identidade comportamental, identidade jurídica, isto é, a Instituição. "A Instituição é a célula simbólica, matriz dos hábitos, com uma dinâmica dialética instituída e instituinte, com uma estrutura

(9) Strauss — Mito e Significado, pág. 63, Ed. 70, Lisboa, 179.

(10) P. Clastres — Sociedade contra o Estado, pág. 144. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

oculta e ocultante, inscrita na temporalidade e socialmente sancionada, que busca o controle da historicidade agindo de uma maneira funcional e imaginária, instaurada pelas relações sociais forçosamente conflitantes" (11).

A ciência de cunho universalista é a forma de conhecimento dessa Dimensão. Quando aplicada ao homem, visa-se a predição e o controle.

Esta Dimensão produz um novo tipo de morte para o corpo do homem: o assassinato, o matar.

Como a aproximação dos homens, produzida por essa Dimensão, é pelas vias da Obrigação e do Medo, ela instaura uma zona de silêncio, uma zona do não-dito, zona esta que, do ponto de vista da Dimensão Subjetiva, é a mais importante. Daí o privilégio que Freud lhe concedeu.

É a Dimensão das proibições, das regras infundáveis.

A DIMENSÃO SUBJETIVA

É a Dimensão da ação, do fazer. Nessa dimensão a questão é: como se comporta ou como age o CORPO INDIVIDUAL DO HOMEM? Esta pergunta diz respeito à singularidade do homem. Se quisermos perceber melhor esta Dimensão, temos que estabelecer vínculos estreitos com o corpo. Este encontro chama-se intimidade. Encontram-se na instituição familiar os primeiros contatos íntimos, e é por isso que a família é importante na formação da subjetividade do corpo do homem. A família é o espaço onde se cruzam todas as Dimensões: Biológica, de reprodução; simbólica, de iniciação simbólica; Poderosa, de dominação; e Subjetiva, de formação.

A Subjetividade é composta de idéias e afetos.

Existem três tipos de Subjetividade: Subjetividade simbólica/mítica, "trata-se de um modo de pensar que parte do princípio de que, se não se compreende tudo, não se pode explicar coisa alguma" (12). Subjetividade Poder Conflitual, onde se pensa que existe um certo e um errado, um bem e um mal; Subjetividade Criadora, onde a verdade é o próprio ato de criar, onde pensar é criar.

A característica principal da Dimensão Subjetiva é a CRIAÇÃO. As mudanças no Corpo do homem têm que passar por transformações subjetivas.

O INDIVÍDUO é, a nosso ver, o modo como a Dimensão Poderosa se apodera da Dimensão Subjetiva. Indivíduo e Indivíduo jurídico.

Todo homem possui um CORPO SINGULAR. Esta singularidade o coloca para além do biológico, do símbolo e do poder. O biológico o faz pertencer à mesma espécie; o simbólico o faz pertencer à humanidade; o poder o faz pertencer à mesma rede de dominação. Já a subjetividade o coloca na DIFERENÇA.

As subjetividades simbólicas de poder são subjetividades herdadas, idéias e afetos repetitivos, idéias e afetos conformes. Já a Subjetividade criadora é o propriamente estético, é a DIFERENÇA AUTÊNTICA. É a subjetividade criadora de novas idéias, de novos afetos.

Na Subjetividade herdada, há contradição entre o agir e o pensar: pensa-se de um modo e age-se de outro; o político, ou então, falar por falar, fala sem ação: papo de bar.

A ação do corpo do homem de hoje, sua singularidade, é minimizada, pois a dimensão poder não permite a criação. Permite apenas ações repetitivas. Mas a subjetividade criadora permanece em potencial.

A SINGULARIDADE DO CORPO DO HOMEM tem estreitas ligações com a Dimensão Biológica. A reprodução sexuada é o primeiro passo na sua formação: especificidade sexual. Isso, acreditamos, explica a preocupação de S. Freud (13) com a biologia, e especificamente, com a sexualidade. Na reprodução sexuada é necessário a formação da identidade sexual. A formação da imagem, identidade sexual — ser macho ou fêmea — todos sabemos que não é coisa simples para o homem. Hoje, para que haja reprodução biológica não se precisa mais da identidade e da relação sexual. A reprodução tornou-se questão técnica. Iniciamos uma era talvez, em que o sexo, enfim, se tornará problema da Dimensão Simbólica: prazer, alegria, harmonia. A relação sexual deixou de ser a única e principal responsável pela perpetuação da espécie!

Se a dimensão biológica contribui para a constituição da singularidade do homem, ela, do ponto de vista da SUBJETIVIDADE está submetida ao universo ideativo e afetivo. A singularidade do corpo do homem forma-se principalmente pelo processo de PENSAMENTO. A ação, o fazer, são efeitos desse universo ideativo. NA SUBJETIVIDA-

(11) BARBIER, R. — Pesquisa-Ação na Instituição Educativa. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1962.

(12) C. L. Strauss — Mito e Significado, pág. 31, ed. 70, Lisboa, 1979.

(13) S. Freud — Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. 1905
— Psicologia de Grupo e Análise do Ego. 1921.
— Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. 1925.

DE CRIADORA ação e pensamento caminham de mãos dadas.

A Dimensão Subjetiva instaura um novo tipo de MORTE para o Corpo do Homem: o SUICÍDIO, a morte de si mesmo.

O fenômeno da Alienação Mental é importante na medida em que nos revela a existência da Dimensão Subjetiva. Com ela não podemos dizer: o subjetivo não existe. A rigor, não sabemos o que venha a ser alienação mental. Queremos apenas frisar a existência da Dimensão SUBJETIVA.

A Dimensão Subjetiva produz um vínculo pelas Idéias e pelos Afetos.

UM EXEMPLO

Eu, que nesse momento escrevo, sou portador de um corpo biológico — DIMENSÃO BIOLÓGICA —, sujeito a doenças e morte. Para estar aqui escrevendo tenho que possuir, no mínimo, uma certa saúde orgânica. No momento, se meu corpo biológico se encontra aqui presente, não é, a ele que nos dirigimos. Nesse mesmo momento desenrola-se um ato discursivo que se pretende ato de entendimento, de pensamento. Algo nos liga, e esse algo é a linguagem. Essa ligação nos coloca num universo não palpável, a não ser pelos elementos gráficos, pelo universo da significação. Esta, onde ela se encontra? Essa face abstrata do simbólico nos coloca na DIMENSÃO SIMBÓLICA. Além do mais, "eu" pretendo passar algumas Idéias, certas preocupações que dizem respeito a uma certa SUBJETIVIDADE. Por fim, encontramos-nos numa Instituição: falo como professor, como pesquisador de uma IES; existe toda uma rede de poderes que passa por mim e pela qual sou afetado; toda uma rede econômica: somos assalariados. Todo um sistema de críticas e de conflitos, e é isso que chamo DIMENSÃO PODER.

Bem, todos esses fatores estão presentes ao mesmo tempo. Para entendermos qualquer comportamento, movimento, do CORPO DO HOMEM, cumpre levar em consideração essas quatro dimensões que o constituem e a dinâmica das forças, com suas intensidades, num espaço/tempo determinado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BÁSICAS

Dimensão Biológica:

CHANGEUX, Jean-Pierre — O Homem Neuronal (1985). Lisboa, Publicações D. Quixote.

JACOB, F. — A Lógica da Vida. Lisboa, Publicações D. Quixote.

MONOD, J. — O Acaso e a Necessidade. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1971.

MORIN, E. — O Enigma do Homem. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

----- — Para Sair do Século XX. Nova Fronteira, 1988.

LORENZ, K. — A Demolição do Homem. São Paulo, Brasiliense, 1986.

WILSON, E. O. — L'Humaine Nature, Paris, Editions Stock, 1979.

Dimensão Simbólica:

CLATRES, P. — As Estruturas Elementares do Parentesco. Rio de Janeiro, Vozes, 1976.

----- — Antropologia Estrutural, 2 vol. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1976.

AUZIAS, J. M. — A Antropologia Contemporânea. São Paulo, Cultrix, 1978.

CASSIRER, E — Antropologia Filosófica, São Paulo, Mestre Jou, 1972.

Dimensão Poder:

MARX, K. — Várias obras, principalmente O Capital.

FOUCAULT, M. — Todas as obras a partir de 1970.

NIETZSCHE, F. — A Genealogia da Moral.

----- — Gaia Ciência.

----- — O Anticristo.

----- — Humano, Demasiadamente Humano.

Dimensão Subjetiva:

DELEUZE, G. — Empirismo e Subjetividade. Barcelona, Branica, 1977.

FREUD, S. — Obras Completas. Rio de Janeiro, Imago.

LACAN, J. — Escritos e Seminários.

NIETZSHE, F. — Assim Falava Zaratustra.

----- — Considerações Intempestivas.

----- — Para Além do Bem e do Mal.

GUATARRI, F. — Revolução Molecular; Pulsações Políticas do Desejo. São Paulo, Brasiliense.

LEWIN, K. — Princípios de Psicologia Topológica. São Paulo, Cultrix, 1973.

LTOTARD, J. F. — A Partir de Marx e Freud. Madrid, Ed. Fundamentos, 1975.

----- — Pequena Perspectivação da Decadência e de alguns Combates Minoritários a Travar. In: Políticas da Filosofia. Lisboa, Moraes, 1977.

“VOCÊ ME ABRE
SEUS BRAÇOS
E A GENTE FAZ UM PAÍS”

(Marina)



O CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



QUANDO EU CRES-CER QUERO SER IGUALZINHO AO BERNARD...

SER FORTE MUS-CULOSO, TREINAR MUITO, PULAR MAIS ALTO PARA SER SEMPRE O MELHOR!



PÔXA COMO ELE CORTA, QUE FORÇA, UAU!



AINDA VOU SER FORTE E BONITO CUSTE O QUE CUSTAR...



TODOS SENTADOS EM SILÊNCIO NADA DE BRINCADEIRAS... CHEGA DE BAGUNÇA. QUEM SE MEXER VAI FICAR DE CASTIGO!!!



ATENÇÃO, PREPARAR.... JA AAAA!!! QUERO VER QUEM É O MAIS RÁPIDO, QUEM É O MELHOR DA TURMA.



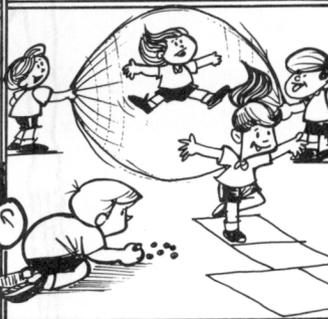
QUE TAL JOGAR ESSE MESMO JOGO DE UMA FORMA DIFERENTE E COM OUTRAS REGRAS.



VOCES TEM FUTURO, PODEM IR PARA A SELEÇÃO UM DIA. PODEM APRENDER RAPIDINHO: BLOQUEIO, CORTADA ESAQUE POR CIMA. BASTA SE ESFORÇAR.



PROFESSOR A GENTE QUER FAZER COI-SA SÉRIA. EXERCÍCIO COMO OS ADULTOS TREINAM. SEM ESSA DE BRINCADEIRAS. ISSO É COISA DE CRIANÇA.



OLHA AÍ CAMBADA DE BESTAS NÓS TEMOS É MUITO MUKI. PODE VIR QUENTE QUE A GENTE RESPONDE COM FORÇA...



CIRANDA CIRANDINHA

Feleu

CONSIDERAÇÕES SOBRE A “CORPOLATRIA”

*Francisco José A. dos Santos **

As atividades corporais variam de sociedade para sociedade. O uso social que os indivíduos fazem dos seus corpos, longe de ser um imperativo da natureza, assenta-se no arbitrário pluriforme da diversidade cultural reinante no meio humano. Diferentemente das espécies animais, o corpo animal humano sofre a ação formidável da cultura da qual este faz parte. A cultura impõe aos indivíduos um uso determinado do seu corpo, seja na cena da vida social ou mesmo na intimidade da alcova. O uso público ou privado se inscreve, assim, no campo da cultura e, conseqüentemente, no âmbito da diversidade.

Delinea-se um campo próprio à investigação de cientista social (historiador, etnólogo, sociólogo): a “cultura somática” enquanto “sistema constituído pelas regras que determinam os comportamentos físicos dos agentes sociais (Boltanski, 1979:167).

Já em 1934, em comunicação apresentada à Sociedade de Psicologia da França, Marcel Mauss evidenciava o fato da variedade cultural no que se refere aos usos do corpo. Pleiteava o admirável membro da Escola Sociológica Francesa, mais um setor do comportamento humano aberto à análise sociológica: as “técnicas corporais” ou seja as “maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (Mauss, 1974 v II: 211) Com Mauss, o corpo assume o estatuto de objeto das Ciências Sociais. Na atualidade, avultam-se os trabalhos de Pierre Bourdieu incluindo os usos do corpo no interior das clivagens simbólicas das diferenciações de classe. Mostra Bourdieu (1983:151) que a relação com o próprio corpo, enquanto dimensão do *habitus*, é diferenciada de classe para classe. Contra a estreiteza do reducionismo economicista, demonstra ele que o uso diferenciado de corpo deve-se também a profundas singularidades culturais (simbólicas) que separam e diferenciam as classes sociais no interior da sociedade capitalista.

Feitas estas considerações iniciais, gostaria de me deter agora sobre o fenômeno da “corpolaria” (Senne e Codo, 1985). Trata-se de investigar

uma dimensão da chamada sociedade de consumo. Perguntar pelo uso social do corpo na contemporaneidade configurado na forma de uma religião leiga: a “corpolaria”. Desvendar a lógica que remete esta expressão da nossa “cultura somática” à sociedade de consumo (regida pela produção e o consumo de mercadorias). Numa sociedade marcada pela apoteose dos objetos, qual o estatuto do corpo? Quais os anexos que ligam o consumo generalizado, a pornografia e a “corpolaria”? Em síntese, alinhar elementos de um diagnóstico (já realizado por outros), conectar o fenômeno à sociedade atual e, por fim, aventar questões sobre o significado mais amplo do fato.

Longe da intenção de um julgamento, moral laico ou religioso (a corpolaria enquanto alienação, degradação ou como “profanação do templo do Espírito Santo”), vê a corpolaria na condição de fato social “existente”.

Parece evidente que o corpo tornou-se atualmente objeto de culto, de religião. O corpo está em alta. Isto atestam a variada gama de fisocultu-rismo, a pornografia avassaladora. Como uma verdadeira religião, a corpolaria possui seus sacerdotes, templos, adeptos e dogmas doutrinários. A heresia atual é não tornar-se um narciso auto-absorvido nos espelhos das academias. Lembra Baudrillard (1981:157) que, se durante muito tempo a salvação da alma obcecou nossos antepassados, modernamente o corpo tomou o lugar da alma, e liberar o corpo tornou-se a razão da existência de muitas vidas. Constitui-se uma religião leiga demonstrando que a religião nos visita sob outros avatares. Deste modo “o culto do corpo já não se encontra em contradição com o da alma: sucede-lhe herda a sua função ideológica (Baudrillard, 1981:166).

A “corpolaria” é uma expressão, a nível da cultura somática, da sociedade de consumo. O corpo, a exemplo do trabalho, mercantiliza-se passando a ser regido pela mesma lógica do todo o sistema. O corpo passa a ser vivenciado, na condição de valor de uso e valor de troca, como uma mercadoria. “Investir” no corpo é majorar

* Professor do Departamento de Filosofia e História da Universidade Federal de Sergipe, Mestrado em Antropologia na UNB.

o seu valor de troca, é colocá-lo em melhores condições para a auferição de lucros no mercado dos bens simbólicos. Um corpo jovem, atlético e saudável é o ideal paradigmático por excelência enquanto mercadoria de grande valor de permuta. Numa sociedade onde tudo é plausível de vir a ser mercadoria não seria o corpo que ficaria longe dessa mercantilização generalizada e sempre crescente.

De modo geral, a "liberação" do corpo é tida como derrocada dos mores judaico-cristãos que, não vê o corpo com bons olhos. Na condição de matéria, o corpo seria, segundo esta tradição, o aprisionamento do espírito. Ao corpo liga-se o pecado, a queda do homem. Frente a uma negação histórica do corpo, a contemporaneidade afirma a sua importância, o seu valor. A liberação do corpo seria a quebra de um tabu milenar de desqualificação da realidade corpórea. Os arautos da corpolatria vêem-se, assim, na condição de benfeitores da humanidade. E de se perguntar se, de fato, a tese da liberação sustenta-se ou, pelo contrário, trata-se de uma nova forma de assujeitamento, de controle dos indivíduos nos meandros das telas dos sistemas de poder. Neste sentido pode-se pensar toda a cupabilidade que acarreta o fato de não possuir o "corpo legítimo", o corpo conforme os padrões vigentes. Este é o caso do velhos, dos obesos e todos aqueles desviantes da estética estabelecida.

A corpolatria é freqüentemente criticada como sendo uma forma de alienação, de sequestro do corpo individual pela sociedade. Esquece-se da natureza necessariamente social de uso do corpo. Em nenhuma sociedade existe o corpo enquanto dado natural, bruto. Sempre e em toda a sociedade o corpo sofre as injunções dos padrões culturais de grupo social a que se está o homem filiado. Propugnar a "volta" a um suposto corpo natural não atingido pela cultura é uma falácia que deve ser denunciada. Não existe nenhuma "volta" possível, pois ele está necessariamente imerso na cultura. Advogar novos usos do corpo é razoável, pois a cultura, sendo uma produção humana, é sempre possível reinventá-la, recriando-a.

Noutra direção, a corpolatria se liga a um quadro geral de crise dos fundamentos da modernidade. Ela expressa condição pós-moderna do questionamento de todos os fundamentos da civilização

ocidental, sejam eles éticos, religiosos, científicos ou políticos. No diagnóstico de Lasch em seu livro "A cultura do Narcisismo", diante da crescente desesperança no futuro, o homem deserta do social e volta-se para uma "ética da autogratificação". Passa-se da política à introspecção, da participação social ao individualismo. O corpo individual passa a ser o último território ao qual o indivíduo se agarra num desespero de naufrago.

A corpolatria é um indicativo, dentre outros, de que assistimos à agonia de um mundo. Vale perscrutar o horizonte e descobrir nele os sinais do novo que virá. Sábio é aquele que prenuncia o amanhã.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean
1981 **A Sociedade de consumo**. Lisboa Edições 70.
- BOLTANSKI, Luc-
1979 — **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal.
- BAURDIEU, Pierre
1983 — "Como é possível ser esportivo?" In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- LASCH, Christopher.
1983 — **A cultura do Narcisismo**; Rio de Janeiro: Imago.
- MAUSS, Marcel
1974 — "As técnicas corporais" In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, v. II.
- SENE, Wilson e CODO, Wanderley
1985 — **O que é corpo (latria)** São Paulo: Brasiliense.
- SENNETT, Richard
1988 — **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras.